

PRODUTO EDUCACIONAL

Título do produto:
Curso online de História Indígena para o Ensino Médio (AVA/Moodle)

Nome do(s) autor(es):
Bianca Luiza Freire de Castro França

Orientador(a):
Gabriel de Oliveira Soares

Área ou conteúdo envolvido:
História; História Indígena.

Março, 2020

1. APRESENTAÇÃO

O presente produto, se trata de um curso online em plataforma AVA/Moodle. Foi pensado e construído para atender a uma demanda dos alunos do Ensino Médio de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro durante um projeto sobre História Indígena. O projeto ocorreu de março a novembro de 2019 e foi dividido em três fases: Uma palestra sobre História Indígena, em março; uma oficina de leitura de documentos e fontes com perguntas e respostas, em outubro; e por último, o curso online, que ocorreu de 01 a 29 de novembro.

O produto tem por objetivo tornar-se auxílio na aplicação da Lei 11.645/2008, que determina a inclusão do ensino de História e das Culturas Indígenas nos currículos escolares.

Desde 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é demonstrada a preocupação com o estudo da história dos povos Afro-brasileiros e indígenas. Porém, somente em 2008, com a Lei 11.645 é que se torna obrigatório o estudo da História e Cultura Indígena no Ensino Fundamental e Médio das escolas brasileiras.

A lei altera o conteúdo programático da educação básica, no sentido da inclusão de diversos aspectos da história e cultura que caracterizam a formação da população brasileira a partir da população afro-brasileira e indígena, resgatando suas contribuições sociais, econômicas e políticas. Estes conteúdos não são ministrados de forma específica em uma disciplina, porém, no âmbito de todo currículo escolar, de forma interdisciplinar, principalmente das aulas de Arte, Literatura e História. Tal lei, é uma medida para possibilitar o respeito dos demais brasileiros aos indígenas e o reconhecimento da diversidade no país.

Na Educação, a formulação de políticas inclusivas das histórias e expressões socioculturais indígenas no currículo escolar e nas práticas pedagógicas, é uma exigência que deve ser atendida com a contribuição de especialistas, com a participação dos próprios indígenas, com a formação de docentes e a formação continuada dos que já atuam na área.

Na escola, de modo geral, o índio é lembrado quando abordado o “Descobrimento do Brasil” em 1500; no início da Colonização; e no “Dia do Índio”. Os estudos atuais sobre os povos indígenas, vem buscando a superação do etnocentrismo que condicionava as referências do romantismo do século XIX, base da historiografia nacional. As atuais pesquisas mostram a complexidade desses povos e as relações decorrentes da colonização, que não deve ser vista como um movimento único e linear, mas como um processo complexo de negociações e conflitos.

A Lei 11.645/2008, ainda carecendo de definições mais completas, possibilita a superação dessas lacunas na educação escolar. Sua efetivação em sala de aula, possibilita estudar, conhecer e compreender a temática indígena, superando desinformações, equívocos e a ignorância resultantes

em estereótipos e preconceitos. É preciso uma educação que reconheça, respeite e apoie os povos indígenas e suas reivindicações, conquistas, direitos e suas diversas expressões socioculturais.

Diante do exposto, é preciso envolver a comunidade escolar em um projeto de discussão, problematização e engajamento em ações concretas que visem a valorização cultural do Brasil. É preciso investir na formação dos educadores e dos educandos, tornando-os pessoas comprometidas com a realidade histórica e social do país. Para tal, devem ser pensadas práticas de ensino que contribuam para alcançar esse objetivo utilizando das tecnologias disponíveis.

2.OBJETIVO(S)

Esse produto tem por objetivo geral, discutir aspectos da história dos indígenas brasileiros com estudantes do Ensino Médio a partir de uma proposta de curso online. Para tal, são abordadas algumas questões sobre como os indígenas vêm sendo tratados pela sociedade em vários aspectos:

- Como o indígena vêm sendo retratado ao longo da história em obras de arte; ilustrações; literatura; notícias; filmes; etc.;
- Como o indígena vêm sendo abordado nos livros didáticos, pela história e historiografia, pela sociologia e pela antropologia (transições e estagnações);
- Discutir o real significado do “Dia do Índio” – 19 de abril e do “abril indígena”;
- Refletir sobre o índio real x o índio construído: a imagem do “bom selvagem” e o indígena moderno;
- Discutir a questão do contato interétnico, da assimilação, dos regimes de tutela e da alteridade;
- Apresentar as novas pautas e agendas das lutas indígenas (ATL indígena 2018/2019);
- Apresentar indígenas conhecidos ao longo da história (lideranças, políticos, escritores, pintores, cantores, artistas, etc.);
- Apresentar para os alunos e professores o site do projeto “Os Brasis e suas memórias”, como mais uma fonte de apoio para pesquisas e ensino de História indígena.

3. PLANEJAMENTO DIDÁTICO

O produto foi utilizado dentro de uma atividade maior, que foi o projeto História Indígena para o Ensino Médio. Trata-se de uma atividade para tratar sobre História Indígena, como prevê a Lei. 11.685/2008 que obriga a abordagem de História Afro-brasileira e indígena nas escolas do país. O projeto teve três fases: Uma palestra; uma oficina e por último, o curso online sobre História Indígena.

O curso online consistiu em uma atividade extraclasse com os alunos que demonstraram interesse em participar. Porém, pode ser utilizado sozinho, sem a necessidade de palestra ou oficina introdutórias.

Tempo: 4 semanas (1 mês). O aluno precisará dedicar 1 hora de seu dia ao curso, 5 horas por semana. 20 horas por mês;

Quantidade de alunos: número de interessados para se inscrever. O limite de participantes é dado pelos organizadores.

Equipamento:

1. Acesso à computador e internet, doméstico ou na escola;
2. E-mail ativo;
3. Plataforma AVA/Moodle, Minha Escola Virtual:
<http://www.minhaescolavirtual.com.br/>
4. Apostila com material específico para as semanas de aula tratando dos regimes de memória abordados. Há a possibilidade de abordagens diferentes, conforme a opção teórico-metodológica adotada pelo corpo docente;
5. Sugestões de vídeos e textos de apoio.

Conteúdo:

A nossa sugestão de abordagem é de que em cada semana seja abordado um regime de memória para tratar do índio no Brasil: Semana 1. Relação Colonial (1500 – 1822): O índio como amigo e o índio inimigo; Semana 2. Indigenismo do século XIX: O índio como ancestral; Semana 3. O advento da República (XIX – XX): O índio tutelado; Semana 4. Dias atuais (XX - XXI): O índio insurgente.

Na relação colonial, houve a criação de um discurso sobre o índio manso e o índio bravo; no qual o índio manso era aquele que se submetia ao colonizador europeu e deveria ser catequizado e incorporado à sociedade colonial, enquanto, o índio bravo, era aquele que resistia às investidas coloniais e por isso deveria ser preso, domesticado e/ou dizimado.

Já no século XIX, o movimento romântico, contribuiu para que nas artes e literatura o índio fosse celebrado como um valoroso antepassado nacional, e que estaria em vias de extinção; portanto, ora era registrado como parte da nação, ora como aquele que iria morrer. No começo do século XX, as imagens atribuídas aos indígenas eram aquelas das agências de tutela do Estado, ou seja, o indígena como um estágio incapaz da evolução humana que deveria ser tutelado pelo Estado até sua completa incorporação à sociedade nacional, podendo assim, como cidadão civilizado, receber seus direitos e cumprir com seus deveres.

Nos dias atuais, os indígenas foram apresentados como insurgentes que estão em todos os lugares: nas universidades, na política, nas artes, no cinema, na literatura, entre outros. Sempre lutando por seus direitos e mostrando presença.

O curso também pode ter seu conteúdo modificado conforme a necessidade do professor que esteja trabalhando.

Estratégias didáticas:

O aluno deve ler o capítulo da semana, assistir ao vídeo de apoio, participar do fórum obrigatório com perguntas para estimular o debate e realizar a atividade da semana. As atividades devem ser corrigidas e receberem feedback ao final da semana vigente, bem como deve ser estimulado o debate no fórum com feedbacks às respostas dos alunos, deve haver mediação.

Na semana final os alunos participaram de um chat final para conversar sobre o curso, suas dificuldades e parecer geral. Ao final do curso, foi emitido para os alunos participantes um certificado de 20 horas de participação que foi enviado por e-mail.

Avaliação:

As avaliações são semanais, através das atividades obrigatórias e da participação nos fóruns. A plataforma Moodle dá várias opções de atividades para serem montadas. Nessa experiência, foi pedido aos alunos que respondessem, na plataforma, questões colocadas no enunciado da atividade e enviassem, como mensagem mesmo. Foi pedido apenas que se atentassem para que as respostas tivessem as referências utilizadas para as mesmas e que tivessem no máximo 15 linhas. Todas as avaliações receberam feedback e a participação no fórum também.

A nota de participação no fórum era de 3 pontos e o envio da atividade era de 10 pontos. Ao final, era somado o total da pontuação do aluno. Essa pontuação, não serviu para sala de aula, porém ajudou a dar um feedback para os alunos e sua participação.

4. METODOLOGIA

O curso foi construído e executado na plataforma Moodle disponibilizada pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul através do projeto Minha Escola Virtual¹. O Minha Escola Virtual é um espaço criado pelos pesquisadores do Laboratório de Aprendizagem de Desenvolvimento de Software do IFRS – Campus Bento Gonçalves/RS, é um projeto sem fins lucrativos. Este espaço permite que

¹ Pode ser acessado no endereço: <http://www.minhaescolavirtual.com.br/>

qualquer professor possa criar suas turmas utilizando o Moodle. O professor pode oferecer seus materiais e solicitar entrega de exercícios e somente os alunos que possuírem cadastro e a senha para inscrição no curso é que poderão ter acesso ao material.

Professores de instituições de ensino municipal, estadual e federal dos níveis de Ensino fundamental, Médio e Superior podem realizar seu cadastro com sua conta de e-mail e solicitar a criação de seu curso, respondendo à um formulário de solicitação. Assim que recebida pela equipe da IFRS o curso deverá ser liberado o mais rápido possível.

Foi criada uma conta de e-mail para o curso de História Indígena, para poder fazer comunicação com os alunos de forma mais institucionalizada. Por essa mesma conta, foi criado um Drive no Gmail que foi compartilhado com os alunos para acesso de livros e documentos diversos sobre a temática indígena. E também foi criado um grupo na rede social Facebook, para poder manter comunicação com e entre os alunos, para além da plataforma do curso.

O curso teve duração de 4 semanas (de 01 a 29 de novembro), para este, foi elaborada uma apostila com quatro capítulos, cada capítulo com sua bibliografia própria e várias sugestões de leituras complementares e livros, que estava disponível na plataforma para download.

Em cada semana foi abordado um regime de memória para tratar do índio no Brasil, assim como na palestra em março: Semana 1. Relação Colonial (1500 – 1822): O índio como amigo e o índio inimigo; Semana 2. Indigenismo do século XIX: O índio como ancestral; Semana 3. O advento da República (XIX – XX): O índio tutelado; Semana 4. Dias atuais (XX - XXI): O índio insurgente. O aluno deveria ler o capítulo da semana, assistir ao vídeo de apoio, participar do fórum obrigatório com perguntas para estimular o debate e realizar a atividade da semana, que valeria uma pontuação simbólica, por que o curso não contaria como avaliação escolar. Ao final da semana as atividades eram corrigidas e recebiam feedback sobre o desempenho e resposta. Ao final do curso, cada aluno recebeu um certificado de que completou 20 horas de participação, ou seja, 5 horas por semana, uma hora por dia.

As avaliações eram semanais, através das atividades obrigatórias e da participação nos fóruns. A plataforma Moodle dá várias opções de atividades para serem montadas. Nessa experiência, foi pedido aos alunos que respondessem, na plataforma, questões colocadas no enunciado da atividade e enviassem, como mensagem mesmo. Foi pedido apenas que se atentassem para que as respostas tivessem as referências utilizadas para as mesmas e que tivessem no máximo 15 linhas. Todas as avaliações receberam feedback e a participação no fórum também.

A nota de participação no fórum era de 3 pontos e o envio da atividade era de 10 pontos. Ao final, era somado o total da pontuação do aluno. Essa pontuação, não serviu para sala de aula, porém ajudou a dar um feedback para os alunos e sua participação.

Na última semana de curso, de 24 a 29 de novembro, havia um fórum opcional para deixar perguntas para um indígena convidado, o antropólogo e indígena Ticuna João Ramos (PPGAS/Museu Nacional)²; e no dia 29 de novembro um chat final, na própria plataforma Moodle, marcado entre 21 e 22 horas, para conversar com os alunos sobre o curso, suas dificuldades e aprendizado.

Os alunos também foram convidados a responder um formulário no Google Forms fazendo uma avaliação do curso, sugestões, dificuldades e impressões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência de utilização do curso online de História Indígena com os alunos do Ensino Médio, foi possível concluir que tais experiências de EaD, com crianças e jovens, podem não ser bem-sucedidas, principalmente, devido ao fato dos mesmos não possuírem maturidade e autonomia suficientes para organizar e coordenar seus próprios estudos. Adolescentes tendem a ser dispersos e necessitam, nesse caso, de estímulos e moderação presencial e em grupo, do contrário podem perder a motivação e abandonar o curso por uma outra atividade que julguem mais interessante.

Um outro fato que pesa, é a dificuldade de acesso à informática e internet, que como no mundo todo, no Brasil, grande parte das populações mais pobres ainda não possuem acesso à informática e à internet. E, ainda que haja acesso a computadores, Tablets e Smartphones, há a questão dos problemas com conexão de internet e dificuldades com plataformas educacionais.

Apesar da familiaridade com computadores, redes sociais, sites, entre outros, e por mais que o curso tenha sido todo esquematizado de forma intuitiva e amigável, com linguagem informal para que os alunos pudessem compreender melhor, e que tenha sido feito um tutorial em vídeo para que os mesmos compreendessem como utilizar a plataforma e participarem das atividades, ainda assim, houve dificuldade e evasão.

Em relação à História Indígena, compreendemos que há um distanciamento da temática e a realidade dos alunos. Por isso, muitos não viram necessidade em estudar o tema, fora o fato de haver lacunas e déficits de aprendizado em toda a formação destes.

Apesar da obrigatoriedade da abordagem da História Indígena em sala de aula, há vários entraves que vão desde a formação dos professores, que não contempla especificamente o tema, passando pela necessidade de transposição didática dos conteúdos das recentes pesquisas acadêmicas sobre essa temática para a produção de material pedagógico adequado até a necessidade de se adquirir

² Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8497487896409526>

acervo bibliográfico sobre o tema para as bibliotecas escolares. Fora, os espaços em cronogramas e planejamentos escolares que muitas vezes seguem à risca o currículo mínimo não contemplando atividades relativas à abordagem da temática indígena, nem mesmo em atividades extraclasse.

Portanto, podemos afirmar que, o uso de TIC's nas escolas brasileiras é uma questão que precisa de atenção, pois há uma grande disparidade entre algumas instituições em relação às outras. As escolas precisam de investimento e suporte para uso pedagógico de diferentes técnicas e tecnologias em sala de aula. E, em relação à História Indígena, é preciso fazer valer a lei e investir no debate sobre o diverso nas escolas com toda a sociedade, de forma clara e concisa, utilizando das tecnologias e dos meios de comunicação disponíveis, estimulando a reflexão entre todos os membros da comunidade escolar. Mesmo que essa experiência de um primeiro uso do produto não tenha sido totalmente bem-sucedida, traz possibilidades de análise, avaliação e novas ideias e estratégias para este uso do produto e do ensino da temática indígena em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS

FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro; SOARES, Gabriel de Oliveira. Uso de TIC's para abordagem de História Indígena em sala de aula. **Revista Temporis[ação]**. (No prelo)